

APRESENTAÇÃO

As festas e celebrações populares, em suas variadas possibilidades de realização, aclimatadas aos tempos, lugares e perspectivas, pluralizam movimentos cíclicos que revelam anseios e outras formas de ser. Na contemporaneidade, cujas construções se dão por fragmentações e por descontinuidades, a identidade do individuo encontra-se descentrada, tal como o universo pós-moderno em que está inserida.

Desta feita, as festas populares se caracterizam como “espaços” para que, em face da globalização, as identidades coletivas se construam de modo pluralizante, mais políticas, para manter o que Kevis Robins (1991) denomina “Tradição”, no sentido de "recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas" (1991, p.87). De outro modo, a “Tradução”, como compreende Robis, também se orchestra a partir do momento em que se "aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença" (1991, p.87).

Assim, as festas populares, por um lado, mantêm a tradição, ao mesmo tempo em que traduzem tudo o que afeta a velha ou constrói a nova identidade cultural. O que se vê nas celebrações, nas festas populares que se encenam na Amazônia são representações e vivências simbólicas de grupos e comunidades que, diante do contexto histórico-cultural atual, fazem sobreviver e transformam na memória coletiva os elementos e as diferentes representações de suas culturas.

Partindo desta reflexão, a Nova Revista Amazônica apresenta sua edição nº 10, intitulada Festas e Celebrações Populares, que tem por objetivo suscitar debates sobre espetáculos e seus bastidores, o furor e o suor, o palco e o ofício, fantasias e suas realidades.

Este número oferece análises a respeito de manifestações nas quais identidades fluidas sinalizam descontinuidades, evocam metamorfoses e subvertem relações de poder; ou, dito de outra forma, de manifestações que expressam o que existe à margem, evidenciando “facetas que, normalmente, estão submersas pelas rotinas, interesses e complicações do cotidiano” (DAMATTA, 1997, p.42); que atravessem sulcos, frestas, fissuras, rupturas e deslocamentos na ordem estabelecida e assim identifiquem representações – ou máscaras – para além daquelas cristalizadas no tecido social, as alegorias (do grego *αλλος*, *allos*, "outro" e *αγορευειν*, *agoreuein*, "discursar").

Desta forma, os artigos, ensaios etnofotográficos, crônica e vídeos etnográficos que compõem esta edição partilham olhares sobre o discurso do outro, traduzindo-o nas linguagens textual e imagética.

O artigo **“O Embate Carnavalesco Rumo ao ‘Trem De Guerra’: Imaginário e memória na evocação de imagens do bloco ‘As Virgienses’**, de autoria de Geovana Nascimento Brito e José Guilherme dos Santos Fernandes, tem por finalidade refletir sobre imaginário, memória e narrativas de um bloco de carnaval na cidade de Vigia de Nazaré-PA a partir da perspectiva de seus brincantes.

O artigo **“A Indumentária da Maruja como ‘Tela de Representação’ na Devoção Beneditina Em Bragança-PA”**, de Ana Mabell Seixas Alves Santos e Luis Junior Costa Saraiva, trata da utilização, pela cultura negra, do corpo como capital cultural devido à impossibilidade de outros recursos expressivos no sistema escravista e na dominação eurocêntrica durante a diáspora, aplicando o conceito de Hall (2003) às marujas da cidade de Bragança-PA.

O artigo **“Pelos Caminhos da Louvação: A Festa de Todos os Santos na comunidade de Jurussaca”**, assinado por Glayce de Fátima Fernandes da Silva e César Augusto Martins de Souza, analisa a festa em questão não apenas pela força e proporção que assume junto aos moradores da comunidade quilombola, mas também por sua função intrínseca de reafirmar identidades religiosas neste contexto.

O artigo **“Virgienses e Cabrassurdos: Um espelho de si no outro”**, escrito por Geovana Nascimento Brito e Sylvia Maria Trusen, aborda o tema da alteridade que emerge das relações entre os blocos de rua “As Virgienses” e “Os Cabrassurdos “ no carnaval de Vigia de Nazaré-PA.

A crônica etnográfica **“CUSCO y Sus Encantos: Miradas sobre fiestas y colores”**, de autoria de Iris de Fátima Lima Barbosa, apresenta uma celebração realizada às proximidades da Plaza de Armas na cidade peruana, no qual danças revelam um sincretismo entre a cosmovisão andina e elementos do catolicismo espanhol e desfiles retratam os comerciantes que chegavam à região com seus animais de carga e produtos manufaturados.

O ensaio etnofotográfico **“Lá Vem o Cordão do Peixe-Boi, Lá Vem, Pelas Ruas de Belém”**, apresentado por Alexandra Castro Conceição e Iomana Rocha, traz um encadeamento imagético referente a uma das edições deste cortejo, na qual a alegoria do Peixe-Boi conduz uma multidão por ruas do centro histórico de Belém-PA para simbolizar o elo entre homem e natureza no imaginário amazônico.

O ensaio etnofotográfico **“O Jantar do Santo: Rituais de Visitação da Comitiva de São Benedito da Colônia em Bragança-PA”**, organizado por Gabriella Bianca Miuta Cavalli, Jéssica do Socorro Leite Corrêa e Daniel dos Santos Fernandes, apresenta uma narrativa da chamada esmolação de São Benedito, enfatizando as atividades da comitiva do

santo enquanto um ritual completo, com aspectos particulares de início, meio e fim, no qual a refeição é percebida como um espaço de compartilhamento hierárquico e comunitário.

O vídeo **“Caminhos dos Saberes: A Cerâmica de Icoaraci-PA, Elementos Históricos e Influências”**, de Geovana Nascimento Brito e Dione Vieira Salis é resultado de uma pesquisa realizada sobre as peças de cerâmicas na região de Icoaraci-PA., apresentando, através de narrativas orais no espaço de venda do Sr. Rosemiro Pereira, os saberes adquiridos por ele durante seus 69 anos de profissão. Nesse vídeo, as influências históricas e estéticas da cerâmica produzida em Icoaraci, marajoaras, tapajônicas, maracá e rupestre permeiam são explicitadas nas falas do Sr. Rosemiro.

Por sua vez, o vídeo **“Tradição e Festividade: O Boi –Pretinho da Vila Cuéra”**, produzido por Samuel Antônio S. do Rosário e Jocenilda P. de S. do Rosário mostra momentos da brincadeira tradicional de bumba meu boi realizada por moradores da comunidade “Vila Cuéra”, no município de Bragança-Pará.. Destaca que o “Boi Pretinho” narra as histórias da comunidade por meio de músicas que envolvem o rio, a floresta, lendas e os saberes que fazem parte do cotidiano dos moradores.

Dentre os articulistas, uma em especial transita pelas sessões da Nova Revista Amazônica com mais frequência. Geovana Nascimento Brito, membra do corpo editorial da revista, revisora, transitou recentemente para um plano diferente e desconhecido, mas deixou em seus textos, no seu olhar por trás das lentes das câmeras, suas formas de pensar e interpretar a realidade, o mundo, as culturas e a vida que tanto amou. Fica, portanto, a Geovana Brito eternizada nas letras e nas imagens, pronta para dialogar com outras mentes de hoje e vindouras, que, como ela, veem nas festas e celebrações populares o contexto propício para (re)pensar

[...] a ideia que o carnaval seja um espetáculo no qual se observa somente a perturbação da ordem, a confusão e a bebedeira típica dos folguedos populares no Brasi. As narrativas dos interlocutores demonstram que há, desde muito antes da festa, um processo de “desalienação” (é preciso alienar-se para desalienar-se, no sentido de libertação) de uma “consciência carnavalesca”, percebida na longa preparação a que os brincantes se se dedicam, refletindo por meses antes acerca de temas que possam servir de crítica social (BRITO, 2017, p.49).

Em sua pesquisa, as “Virgienses” e os “Cabrassurdos” constituem apenas uma mostra da diversidade e pluralidade das culturas na Amazônia, uma tal que se constrói pelos sujeitos na história, com todos os embates que lhes são inerentes e em todas as suas facetas: econômicas, geográficas e políticas.

Este número é dedicado à revisora da Nova Revista Amazônica, à pesquisadora do carnaval vigiense e, por meio dele, das diversas formas de conhecimentos, saberes, linguagens, memórias e traduções culturais que se encenam na Amazônia.

Agradecemos pelo privilégio de tê-la entre nós.

Editores:

Prof. Dr. Daniel dos Santos Fernandes

Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira

Organizadores do Número:

Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes

Prof. Dr. Luis Junior Costa Saraiva

Profa. Ma. Ana Mabell Seixas Alves Santos